

Antes do Livro dos Espíritos: A comprovação da existência do perispírito pelos magnetizadores

Robson Fernandes de Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Cx. Postal 1524, 59078-970 Natal-RN, Brasil
robdefarias@yahoo.com.br

Abstract. This article presents a brief and general explanation of the importance of magnetizers as precursors in the discovery and study of the properties of the so-called perispirit (intermediate vehicle between the spirit and the physical body).

.

Keywords: Perispirit, animal magnetism, metapsychics

"Outros têm temor em revelar verdades que poderiam ofender o espírito das seitas. Se estas últimas sustentam com denodo e boa-fé os erros, quanto não devemos nós dar a conhecer a fim de esclarecê-las? Acaso devemos temer qualquer coisa quando nos é dado substituir a fé pela experiência, e quando demonstramos a todos a inefável bondade do Criador? Não, senhores, vós o sabeis após haver adquirido, como eu, provas irrefutáveis de um mundo melhor; são estas provas que se torna necessário que todos as obtenham, e a ciência, que

propagais com tão corajosa perseverança, deve fornecê-las a todas as pessoas."

Cahagnet

Em seu clássico *Tratado de Metapsíquica*¹ Charles Richet (1850-1935)² diria:

A aura, o corpo astral, o perispírito, o eflúvio ódico, são expressões diversas para exprimir um mesmo fenômeno, uma radiação humana (ou animal). É possível que essa radiação exista, já que tudo é

¹ C. Richet, *Tratado de Metapsíquica*, Vols. 1 e 2, Editora do Conhecimento, Limeira, 2013.

² Foi de Richet a criação da palavra "ectoplasma" para designar a substância que emana dos médiuns de efeitos físicos.

possível; mas até o presente momento ninguém a pôde demonstrar. O dia em que ela for por fim demonstrada, poder-se-á então sem dúvida relacioná-la com tudo o que foi dito por Reichenbach, por A. de Rochas³, pelos antigos magnetizadores e não nos admiraremos muito se essa grande descoberta for levada a cabo. Mas infelizmente não o foi ainda nem há mesmo qualquer possibilidade de prova.

Entendemos as palavras do célebre pesquisador, cientista (Ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina, de 1913) como um “ponto de partida”, ou uma “hipótese de trabalho”, como se diz em ciência, visto que, ao longo de seu próprio *Tratado*, ele mesmo irá trazendo à lume provas da existência do perísprito. De toda sorte, discordamos frontalmente de tal assertiva, visto que, mesmo antes das pesquisas empreendidas por Kardec e que culminaram na codificação do Espiritismo, havia, sim, provas da existência do perísprito⁴, como aquelas obtidas pelos magnetizadores, como mostrar-se-á no presente artigo.

Por outro lado, a assertiva de Richet é categórica:

(...) O dia em que ela for por fim demonstrada, poder-se-á então sem dúvida relacioná-la com tudo o que foi dito por Reichenbach, por A. de Rochas, pelos antigos magnetizadores e não nos admiraremos muito se essa grande descoberta for levada a cabo.

Bem, essa grande descoberta já foi levada à cabo, há mais de 160 anos !, isso se considerarmos,

apenas, o Espiritismo tal qual o entendemos hoje. Se levarmos em conta a antiguidade bíblica ou mesmo tempos mais recuados, como o fez o Barão Luís de Guldenstubbé⁵, verificaremos que a realidade da existência dos Espíritos (e, por conseguinte, do perísprito) já foi provada há milênios.

Não por acaso, na conclusão do seu *A crise da morte*⁶, Bozzano elenca, entre as conclusões:

Quando os Espíritos referem ter visto seus cadáveres no leito de morte, geralmente falam do fenômeno do corpo etéreo, a se condensar acima do corpo somático. Este detalhe concorda, quase sempre, com o que constantemente afirmam os videntes que não estado à cabeceira de moribundos.

Em seu *Tratado*, Richet classificaria a história da fenomenologia metapsíquica em quatro períodos:

1º) Período Mítico, que vai das origens históricas até Mesmer, (1776);

2º) Período Magnético, que vai de Mesmer às irmãs Fox (1847);

3º) Período Espirítico, que vai das irmãs Fox, passando por Allan Kardec, a William Crookes (1872)

4º) Período Científico, que vai de Crookes até a atualidade.

Pois bem, podemos dizer que desde o primeiro período da fenomenologia metapsíquica (para empregar a terminologia do próprio Richet⁷) a existência dos Espíritos (e, por conseguinte, do perísprito) está provada. O que houve, pouco a

³ Veja-se: R.F. de Farias, O perísprito na obra de De Rochas: algumas conjecturas, *Mens Agitat*, vol. 14 (2019)38-41.

⁴ Bem entendido, dada mesmo a natureza do “objeto” de estudo (nesse caso, o perísprito e, por conseguinte, o Espírito) e a inteligência individualizada a ele associada, não se pode falar de prova no mesmo sentido em que é empregada essa palavra em matemática, química ou física, por exemplo, visto que não se pode reproduzir, infinitamente e à vontade, determinados experimentos, nem tão pouco, ao estilo dos matemáticos, efetuar-se uma “demonstração”. Não obstante, provas com “peso” científico (vejam-se os experimentos de William Crookes, por exemplo,

dentre muitos outros) acerca da existência e propriedades do perísprito foram fartamente obtidas ao longo dos séculos XIX e XX.

⁵ L. de Guldenstubbé, *A realidade dos Espíritos*, Editora do Conhecimento, Limeira, 2018.

⁶ E. Bozzano, *A crise da Morte*, Editora do Conhecimento, Limeira, 2010.

⁷ Em seu tratado (Op. Cit.) nos diz Richet: Mas a palavra sobrenatural, bem assim como a supranormal, ambas de Fred. [Frederic] Mayers, não é boa, porque no universo não pode existir senão o natural e o normal. Um fato, desde que exista, é necessariamente natural e normal. Rejeitamos, pois, as palavras supranormal e

pouco, foi o progresso das próprias ciências, o que permitiria, também progressivamente, que novos conhecimentos e técnicas científicas fossem empregados para provar a existência dos Espíritos.

No prefácio da segunda edição de seu *Tratado*, comenta Richet:

Os espíritas receberam o meu Tratado de Metapsíquica com grande frieza. Compreendo o seu estado de espírito. Em vez de aceitar a sua teoria ingênua e frágil, propus aguardar, para se constituir qualquer teoria defensável, que os fatos fossem classificados, codificados, marcados, acompanhando-os das necessárias exigências do método experimental. Ao contrário, os espíritas julgavam possuir já uma explicação adequada para todos os fenômenos. Disse-lhes que a sua explicação era hipotética, mas não hesitei em reconhecer que em certos casos, raros, a hipótese espírita, simplista, parecia ser preferível. Creio bem que isso não é senão uma aparência. Portanto a aparência continua nela. Se os espíritas fossem justos, reconheceriam que a minha tentativa de fazer entrar na ordem dos fatos científicos todos os fenômenos que constituem a base de sua fé, mereceria eu verdadeiramente alguma indulgência. Reconhecem eles que o passo dado para trás é largo, já que desde agora a metapsíquica subjetiva (criptestesia) parece estar definitivamente classificada como um fato científico confirmado. A ciência é, acima de tudo, a soberana mestra do futuro. Não será por meio de preces, nem por atos de fé nem por convicções irrefletidas, que ela irá tomar corpo: é unicamente por meio de investigações exatas, multiplicadas. (...)

Pelo que conhecemos do pensamento de Kardec (com base em seus próprios escritos) cremos que ele seria o primeiro a apoiar e

sobrenatural, da mesma maneira por que rejeitamos a palavra oculto, para as ciências ocultas. Isto equivale a dizer, muito ingenuamente, que elas são misteriosas, e, por consequência, inabordáveis para nós. Propus, em 1905, o termo metapsíquica, que foi unanimemente aceito. Ele tem por si (o que não é para desprezar) a autoridade de Aristóteles, o qual, tratando das forças físicas, desejou escrever em seguida um capítulo acerca das grandes leis da natureza que iam além das coisas da física. Deu

reconhecer o valor do trabalho de Richet que, em sua tentativa de *fazer entrar na ordem dos fatos científicos todos os fenômenos que constituem a base de sua [Espírita] fé*, grandes contribuição daria para a evolução científica da compreensão dos fenômenos Espíritas, dentre eles o aumento de nosso conhecimento sobre as propriedades do perísprito⁸.

De toda sorte, inevitável, para os estudiosos do Espiritismo, o serem estudiosos também da metapsíquica, em função mesmo da similitude (ao menos em parte) entre ambas as ciências, visto que, como afirma Richet⁹:

O que caracteriza o fenômeno metapsíquico, seja ele qual for, é o fato de ser devido a uma inteligência desconhecida (humana ou não-humana). Na natureza, não vemos inteligência senão nos seres vivos: no homem, não vemos outra fonte de conhecimento senão aquela provinda dos sentidos. Deixamos à psicologia (clássica) o estudo da inteligência dos animais e do homem. Os fenômenos metapsíquicos são de outra laia: parece serem devido a forças inteligentes desconhecidas, compreendendo-se nessas inteligências desconhecidas os notáveis fenômenos intelectuais das nossas inconsciências.

(...)

Dividirei a metapsíquica em metapsíquica objetiva e metapsíquica subjetiva. A metapsíquica objetiva menciona, classifica, analisa certos fenômenos exteriores, perceptíveis aos nossos sentidos, mecânicos, físicos ou químicos, que não alteram as forças atualmente conhecidas e parece ter um caráter inteligente. A metapsíquica subjetiva estuda os fenômenos que são exclusivamente intelectuais, os quais se caracterizam pela noção de certas realidades que as nossas sensações não nos têm podido revelar. Tudo se processa como

então ao livro "Além das coisas físicas" o nome de metafísica do grego *mèta* ta phisica.

⁸ Bem entendido, podemos ler a obra de Richet à luz dos conhecimentos da Doutrina Espírita e “ver” em muitos fenômenos, a clara ação/participação do perísprito. Não se trata de afirmar que Richet interpretou seus resultados à luz dessa mesma visão/doutrina.

⁹ C.Richet, Op. Cit.

se tivéssemos uma faculdade misteriosa de conhecimento, uma lucidez que a nossa fisiologia clássica não pode explicar ainda. Proponho chamar criptestesia a essa nova faculdade, isto é, sensibilidade cuja natureza nos escapa.

.....

Mesmo antes da publicação do *Livro dos Espíritos*, em 1857, os magnetizadores (estamos aqui a falar do chamado magnetismo animal, que teve Mesmer¹⁰ se não como seu criador, ao menos como principal precursor) já promoviam, via passes magnéticos, o desdobramento do perísprito de certos indivíduos que, uma vez desdobrados, mostravam-se possuidores de uma série de habilidades (como a autoscopia¹¹) as quais não exibiam, antes do desdobramento.

Mostravam-se, ainda, capazes de ver e mesmo dialogar com “fantasmas” de pessoas mortas, etc. Assim, mesmo sem terem, à época, exata consciência disso, os magnetizadores foram precursores do Espiritismo e provaram, mesmo sem disso se aperceberem, a existência dos espíritos (e do perísprito, por conseguinte). Um desses magnetizadores (embora não o único) foi Gahagnet, conforme abordado em artigo anterior¹².



Mesmer

¹⁰ Franz Anton Mesmer (1734-1815)

¹¹ A capacidade que o espírito tem de, uma vez desdobrado, ver os órgãos internos de seu próprio corpo, conseguindo, inclusive, diagnosticar doenças, etc.

¹² R.F. de Farias, “Arcanes de la vie future dévoilés” como precursor do Livro dos Espíritos, *Mens Agitat*, vol. 13 (2018) 58-62.